



AGRONEGÓCIO COMO PEDRA DE TOQUE

| POR ROBERTO RODRIGUES

Uma negociação entre Brasil e China na base da confiança recíproca será útil para o mundo todo, de modo que deve ser solidamente amalgamada nas relações já avançadas de comércio de produtos agropecuários.

No ano de 2000, o agronegócio brasileiro exportou 20,6 bilhões de dólares, dos quais 2,7% (561 milhões de dólares) foram para a China. Em 2020, as exportações do agro somaram 100,8 bilhões de dólares, praticamente cinco vezes mais que 20 anos atrás, o que representa um avanço muito significativo. Ainda mais extraordinário do que esse número, é a preponderante participação do país asiático como destino das exportações de produtos agrícolas brasileiros: 33,7% (quase 34 bilhões de dólares). Assim, se o total das exportações do agronegócio brasileiro aumentou cinco vezes nessas últimas décadas, as que foram para a China saltaram mais de 60.

FATORES DE CRESCIMENTO

As exportações para a China foram crescendo ano após ano, fruto de uma combinação de diversos fatores.

Em primeiro lugar, a produção brasileira vem sendo ampliada nos últimos 30 anos, graças à tecnologia tropical desenvolvida. Um exemplo é a de grãos, que – de 1990 a 2020 – aumentou 363%, enquanto a área plantada cresceu só 79%. Atualmente, são cultivados 68 milhões de hectares com grãos em todo o país. Se a produtividade por hectare em 2020 fosse igual à de 1990, teriam sido necessá-

rios mais 108 milhões de hectares para colher uma safra de quase 270 milhões de toneladas.

É importante ressaltar outros bons resultados: no mesmo período, a produção de carnes também explodiu. A de frangos cresceu 499%; a de suínos, 305%; e a de gado bovino, cujo ciclo é bem mais longo que os demais, dificultando os avanços genéticos, saltou 109%. A tecnologia continua evoluindo, com inovações como o Plano de Agricultura de Baixa Emissão de Carbono (Plano ABC), integração lavoura/pecuária/floresta e uso dos mais modernos defensivos agrícolas.

Em segundo lugar, a população chinesa, graças à estratégia de urbanização do país, migrou, em muitos milhões de pessoas, para as cidades. Assim, o poder aquisitivo melhorou e a demanda por alimentos, energia e fibras aumentou. Além disso, os chineses experimentaram rápida evolução cultural, habitacional, científica e tecnológica.

Com esse tipo de crescimento recíproco, seria perfeitamente natural que esses dois dos cinco maiores países do mundo – Brasil e China – se encontrassem no grande tabuleiro do comércio global. E foi isso o que aconteceu: a demanda de um foi atendida pela oferta do outro.

Em terceiro lugar, recentemente, o país oriental foi afetado por uma grave doença animal, a peste suína africana, que obrigou o governo a dizimar milhões de cabeças

de suínos – a China é, de longe, o maior produtor e consumidor mundial desse tipo de carne – e, em consequência, ampliou a procura por carnes importadas. O Brasil, felizmente, teve como atender a uma parcela relevante dessa nova demanda.

PERSPECTIVAS

O Brasil ainda tem 66,3% do seu território ocupado por matas nativas. Apenas 9% do país é utilizado com todas as plantações, de alface a eucalipto, passando por grãos (arroz, feijão, trigo, soja, milho, sorgo, entre outros), raízes e tubérculos (batata, mandioca, etc.), verduras, legumes e culturas permanentes (café, laranja, frutas em geral, palma, cana de açúcar). Além disso, mais de 21% de área é coberta com pastagens, de modo que todas as fazendas brasileiras somadas ocupam menos de um terço do território, abrindo a clara possibilidade de expansão produtiva, não apenas pelo aumento de produtividade com novas tecnologias (e a agricultura 4.0 vem avançando espetacularmente com a digitalização e a conectividade no campo), mas, também, com a ampliação de novas áreas cultivadas. Nesse segundo caso, o grande aumento virá a partir da transformação de pastagens em agricultura de alimentos, graças a tecnologias que permitem maior produção de carne e leite em menor área de pasto.

No entanto, todo esse formidável potencial produtivo depende, entre outros fatores, de investimentos em logística e infraestrutura. O aprimoramento dessas áreas é capaz de garantir a adequada armazenagem dos produtos e posterior escoamento, de forma a reduzir ou eliminar as perdas e desperdícios, que representam um prejuízo inestimável ao país. A China, por sua vez, detém impressionante capacidade técnica e material para ajudar o Brasil a diminuir o recorrente gargalo nesse setor. Portanto, a relação comercial, que já é muito grande, tem tudo para crescer, em um movimento de parceria a ser negociado sob a égide de um componente central em todo esse processo: a confiança.

A expressão financeira da balança de negócios entre Brasil e China é, muitas vezes, objeto de preocupação por parte de importantes setores políticos, sociais e econômicos nos dois países, sob o temor da “dependência”. Não é incomum vozes de peso se levantarem ante o muito expressivo valor das exportações do agro para o gigante asiático nos últimos anos. Argumentos como a mudança nos rumos da “guerra comercial” entre Estados Unidos e China, que teria beneficiado o agro brasileiro, são frequentemente invocados. Outro pretexto é o fim da peste suína africana, que levará a China a não mais depender de importações tão grandes de

carnes, e, assim, sucessivamente. Tais avaliações devem ser consideradas, porque nem ao Brasil e nem ao asiático interessa uma dependência nessas condições, ou uma interdependência, como querem outros.

Ao contrário: torna-se fundamental que o Brasil não exclua nem priorize nenhum parceiro para o mercado agro. O país é tão grande que poderá servir aos interesses de abastecimento privilegiado de qualquer nação. Aliás, convém lembrar um estudo realizado pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), em parceria com a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), segundo o qual a única forma de garantir segurança alimentar ao mundo em dez anos – acabando com a fome e, por consequência, trazendo paz universal – é aumentar a produção global de alimentos exportáveis em 20%. O mesmo estudo afirma que, para isso acontecer, o Brasil precisa aumentar a própria parcela em 40%, o dobro da mundial. É relevante destacar que isso não é só para atender a China.

CONCLUSÃO

Em síntese: uma negociação entre os dois grandes países, na base da confiança recíproca, será útil para o mundo todo, de modo que deve ser solidamente construída. Tal movimento não pode prescindir da participação ativa dos empresários de ambas as nações e, muito menos, dos respectivos governos, para, assim, proporcionar um amplo espaço para o crescimento sustentado dos dois gigantes, beneficiando a própria população e a do mundo inteiro.

O atual cenário apresenta um desafio de construção formidável, em um mundo abatido pela tragédia da pandemia do novo coronavírus. Vale a pena cuidar disso, abrindo o guarda-chuva da segurança alimentar e da paz global, sem desprezar nenhuma nação soberana. Eis aí uma maravilhosa oportunidade de trabalho a ser realizado por uma diplomacia focada em resultados, que não se deixe levar por temas menores, como os de caráter ideológico ou semelhantes, mas que se imponha pelo valor histórico dessa negociação. ●

PARA SABER MAIS:

- Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. Indicadores Gerais Agrostat. *AGROSTAT – Estatística de Comércio Exterior do Agronegócio Brasileiro*, 2021. Disponível em: indicadores.agricultura.gov.br/agrostat/index.htm
- Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. Estatísticas de Comércio Exterior. *Comex Stat*, 2021. Disponível em: comexstat.mdic.gov.br/pt/home
- Companhia Nacional de Abastecimento. Acompanhamento das Safras Brasileiras. *Conab*, 2021. Disponível em: conab.gov.br/info-agro/safras
- United States Department of Agriculture. *USDA Agricultural Projections to 2026*. *Interagency Agricultural Projections Committee*, 2017. Disponível em: [agri-pulse.com/text/resources/images/USDA_Agricultural_Projections_to_2026.pdf](https://www.usda.gov/media/104848/images/USDA_Agricultural_Projections_to_2026.pdf)

ROBERTO RODRIGUES > Coordenador do FGV Agro > gvagro@fgv.br